

e-mail cabeça (dura) a Arnaldo Jabor

Caro Sr. Jabor,

Se lhe escrevo nessa empolada forma de tratamento é porque outra não é a distância que Vossa Excelência, em sua condição de Entidade, reserva aos neófitos que buscam seu terreno. Certamente o Sr. não me conhece, ou muito menos reconhece como interlocutor. Isso apesar de termos acabado bêbados e abraçados em minha crônica da última Sinopse, chorando na Senazala a morte de nosso cinema, comemorada na festa de Tio Oscar na Casa Grande. Normal. O Sr. não leu. Como também não leu, apesar de ocupar lugar de honra em nossa mala-direta, as dez edições do nosso jornalco *Novo Cinema*. Como não leu o número único de nossa primeira revista, a *Balalaica*. Como também não aceitou os convites, que lhe fizemos reiteradas vezes, para o seminário sobre a atualidade de Paulo Emilio, em 96; para o encontro sobre o Mito do Renascimento do Cinema Brasileiro, em 97; para as sessões do Cinema em Debate na Cinemateca, de 96 a 98; como nunca apareceu nos inúmeros debates, encontros e mostras, promovidos pelo Cinusp (o último, aliás, tratando da presença cinematográfica do seu pranteado Brecht). E, claro, de novo, recusou o convite para a segunda edição do encontro sobre produção nacional contemporânea, em junho de 1999.

Por que seria diferente? Se V.Exa.

parasse para ouvir nossa gritaria de desclassificados estudantes de cinema (nem falemos de pretendentes a cineastas, quem somos nós, sem parentes importantes e vindos do interior), corria o risco de amargar alguma má-consciência. Nada que um bom *whiskey* não resolva, mas vá, é chato ficar clamando à solidão cultural desse deserto humano do Shopping Center nacional, sabendo que se trata de um papel de opereta. Haja distanciamento. Melhor então não ouvir nossos panfletos de sarjeta, nem ler os já mais de dez

“O Brasil não tem mais crítica cultural”

números da *Cinemais*, não ouvir o protesto dos novos curta-metragistas de Porto Alegre, ou o empenho do pessoal de BH em inaugurar uma sala de cinema/centro cultural no Galpão, ou fazer no muque dois festivais de documentários. Melhor não ouvir também a posição firme da Cia. do Latão, que se recusa a passivamente aceitar o “sucesso” no “mercado” teatral e insiste em publicar a *Vintém*, ou ainda o frescor editorial e mental da revista de HQ *Graffiti*, de Minas. E outras tantas nqvidades que um jornalista de

histórico prestígio e real disposição de luta poderia descobrir e pôr na roda.

Isso sem falar em peixes maiores, mais visíveis e que mordem mais fundo. Melhor não responder ao brilhante artigo de Ismail Xavier, publicado na *Novos Estudos*, sobre a sua obra de cineasta e jornalista. Melhor reclamar da universidade de marfim do que partir para brigas, acertos, aliança e disputas, reconhecendo a existência, pelo menos, de autores como Luiz Martins, Rubens Machado, Tales Ab'Saber, Mateus Araújo.

“O Brasil não tem mais crítica cultural”. De fato não tem, se considerarmos que “existir” é existir socialmente, com presença efetiva. O silêncio do pensamento crítico nacional, se tem suas raízes na transformação do país nesse pseudo-mercado de horrores que a reorganização capitalista mundial infligiu, tem seus sócios locais. Seja num governo que se apresenta com a única alternativa da “Razão”, seja em quem faz da denúncia do vazio sua profissão e, muito racionalmente, garante para si o monopólio da denúncia, confirmando sua clarividência pela negação do reconhecimento da existência, para além da própria *famiglia*, de vida inteligente sob o sol desses tristes trópicos.

Certo de sua não-resposta,

Leandro Saraiva